

29/01/2016 - 05:00

Paredes de vidro; arame farpado

Por **Eliana Cardoso**

O mundo pirou. Tem economista falando em dominância fiscal. O fenômeno ocorre nas hiperinflações, quando o governo financia seus gastos imprimindo moeda. A confiança na dívida pública cai e cria a expectativa de que o governo não vai honrá-la, fazendo com que aumentos na taxa de juros levem a desvalorizações cambiais. O contrário do previsto em tempos normais. Calma, pessoal. Ainda não chegamos lá. Por enquanto, para pôr a casa em ordem, o Banco Central ainda pode seguir o livro-texto e desobedecer d. Dilma. Se o fará são outros quinhentos.



E você, coração? Se acha que está a salvo dessa loucura, pense de novo. Sutil é a distinção entre o inadequado e o maluco. Apenas um fio separa a paranoia de suspeitas de perseguição. Um traço delicado distingue a instabilidade do entusiasmo insensato.

Sei. Sei. Você acha que estou falando bobagem, pois acredita que a psiquiatria moderna explicou a doença mental: circuitos deficientes do cérebro, uma bioquímica imperfeita, um excesso de transmissores, uma insuficiência dos mesmos. Talvez. Apenas desconfio que continua difícil demarcar a fronteira entre a sanidade e a loucura.

Mesmo os psiquiatras, responsáveis pela definição da depressão e da esquizofrenia, confessam que sabem pouco sobre as raízes desses tormentos. O médico de Maura Lopes Cançado ("Hospício É Deus", Autêntica) lhe diz: "Somos todos loucos em estado latente". Nosso cérebro carrega as matérias-primas das doenças mentais, cujo progresso depende de diferentes circunstâncias. Como escolher entre diferentes versões da realidade? "Sinto como se uma parede de vidro me separasse das pessoas. Posso vê-las, mas estou sempre só", diz Maura Lopes Cançado.

Maura não é a primeira autora talentosa a escrever suas memórias do hospício. Janet Frame, uma das mais celebradas escritoras neozelandesas, diagnosticada por engano como esquizofrênica aos 23 anos, resolveu internar-se num hospital psiquiátrico. Ao longo de sete anos passou por várias instituições, tendo sido submetida a mais de 200 tratamentos de choque. Em 1951, estava prestes a ser submetida a uma lobotomia quando seu primeiro livro de contos recebeu o Prêmio Hubert Church Memorial, e o tratamento foi suspenso.

Na trilogia reunida em "An Autobiography" (New York: George Brazillier, sem tradução em português), Janet Frame cria passagens poderosamente evocativas do terror que se experimenta quando a mente briga com forças internas que não controla. Tendo misturado, remodelado, adicionado e subtraído de suas experiências ao escrever seus contos e romances, ela percebeu seus protagonistas como disfarces de si mesma e, na autobiografia, escreve abertamente sobre os próprios sentimentos.

A esperança de que o eu verdadeiro possa emergir da autobiografia é vã. Nossa memória tritura e compõe. Ao se transformar em escrita, a realidade se torna mentira.

"Hospício É Deus" custa um pouco para deslanchar. Quando pega pé, fica difícil colocar o livro de lado. O perfil biográfico escrito por Maurício Meireles (que aparece em apêndice) contrasta com o relato de Maura. Isso facilita a percepção do talento da autora e da sua capacidade de manipulação de médicos e leitores.

Talvez a loucura de Maura esteja em acreditar que não pode ser amada. Ela pensa que está apaixonada por Dr. A e consegue mostrar como ele a trata com carinho, tentando lhe explicar que o amor difere do que ela pensa, existe sem sexo, sobrevive na tranquilidade. Ela insiste nas tentativas de seduzi-lo. Embora pareça apaixonada, o leitor suspeita de manipulação. A suspeita se reforça quando se constata a repetição do mesmo comportamento na carta reproduzida por Meireles no perfil biográfico. Na carta ao juiz - que vai julgá-la pelo assassinato que cometeria anos depois da publicação de "Hospício É Deus" - fica clara a tentativa de sedução.

Maura distingue de forma romântica a loucura e a doença mental. "Estar internado no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, os verdadeiros doentes mentais. Lutam contra o que se chama doença, quando justamente esta luta é o que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros."

O louco, diz ela, torna seu mundo inviolável. "Poucos alcançam a santidade da loucura." Um dos poucos é Dona Marina, que lhe "parece calma, conversa com lucidez, só se deixa trair pelos papéis que carrega na cabeça, presos por grampos e com anotações, as mais diversas, algumas escritas em alemão, francês ou inglês, além das muito bizarras em português mesmo".

Referências ao medo permeiam o diário. "Acordei sentindo dormência nos membros inferiores e pensei: me deram cicuta. Gritei: - Não sou Sócrates. Não quero morrer." Maura narra: "Meu estado se agrava cada vez mais. Tinha ideia fixa, julgava-me deteriorada moral e sexualmente. Era agressiva". E conta muitas brigas.

De eventos que reviram o estômago do leitor, fala em tom casual: "Muitas vezes estamos comendo, uma doente mete a mão em nosso prato, sai correndo pelo refeitório. É muito desagradável tomar as refeições junto a mulheres sujas, despenteadas, cheirando mal ou babando".

Maura vocifera contra médicos e enfermeiras. "É monstruoso. [...] Naturalmente os médicos também têm problemas, são neuróticos. E loucos. Mas não foram ainda isentos de responsabilidades perante a sociedade com a alegação de insanidade." Mas também registra a compaixão de um médico não nomeado. Ele pergunta a ela: "Há quantos dias não lava as mãos? E há quantos não escova os dentes?" Maura observa: "Eu não sabia. Minhas unhas estavam negras. Quanto tempo terei permanecido inconsciente? Ignoro. [...] Ele me penteava os cabelos, olhava minhas unhas e a minha boca, abotoara minha camisola. Ele também era gente. [...] E por que não tornei a vê-lo? Não sei. Talvez, aquele médico-gente não conseguisse sê-lo mais do que uma vez na vida".

Como Janet Frame, Maura Lopes Cançado mostra-se sempre consciente do valor poético das palavras, de seu som e ritmo, e dos significados que extrapolam suas frases. Exclusão, encarceramento e violência marcam a experiência no hospício: "A realidade é o pátio. [...] Não creio que a descrição do inferno, na 'Divina Comédia' de Dante, possa superá-lo. A toda família é tolerável e, às vezes, confortável visitar o túmulo de um parente. Mas é proibido entrar no pátio de um hospício. Nenhuma família resistiria, estou certa. [...] Das sete da manhã às seis da tarde o pátio existe, sufoca, mata, oprime". As portas estão trancadas.

Já que estamos falando de diários e confinamentos, cabe aqui uma referência ao diário de Mohamedou Ould Slahi (tradução de Donaldson M. Garschagen e Paulo Geiger, Companhia das Letras). "Diário de Guantánamo" chegou às livrarias dos EUA dez anos depois de ter sido escrito. Slahi, embora nunca tenha sido acusado de um crime, está entre os 107 prisioneiros que permanecem em Guantánamo há 14 anos desde sua inauguração, em janeiro de 2002. A demora da publicação do manuscrito de Slahi levou tempo, porque o governo americano classificou-o como segredo de Estado.

"Diário de Guantánamo" talvez seja a mais envolvente testemunho das prisões durante essa guerra contra o terrorismo. Documenta eventos obscuros. Slahi foi interrogado de acordo com um plano para alquebrá-lo através de simulações de execução, privação de sono, espancamentos e agressões sexuais. Um relatório do Comitê de Serviços Armados do Senado confirma o relato. Slahi tem uma voz engraçada, inteligente e generosa. Ainda mais do que o relato das torturas, o que nos toca é a combinação dessa voz humana e resistente com a capacidade de reflexão moral e a decisão de escrever em circunstâncias impossíveis.

Dói ler o testemunho de Slahi. Também dói o conhecimento das arbitrariedades do governo americano. Como dói contemplar a insanidade em marcha do governo brasileiro rumo ao populismo desavergonhado.

Eliana Cardoso, economista e escritora, escreve neste espaço quinzenalmente

